
**A QUESTÃO DA SUBJETIVIDADE EM
MONTAIGNE E FERNANDO PESSOA: A ESFINGE
E O ENIGMA**

**THE QUESTION OF SUBJECTIVITY IN
MONTAIGNE AND FERNANDO PERSON: THE
SPHINX AND PUZZLE**

CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da¹

RESUMO

Este texto busca explorar o importante vínculo entre filosofia e literatura, a partir de reflexões sobre a subjetividade, que pode ser formulada assim: o eu pode atingir o ser? Ainda que a questão possa ser problematizada, em Montaigne e Fernando Pessoa as ideias de “ser” e de “não ser” não são diretamente teorizadas, por nenhum dos dois. E mais: a ideia de ser e de não ser não são teorizadas, porque lhes parece que são conceitos impermeáveis à razão, porém sua busca não cessa nunca. No esforço contínuo pela verdade não se encontra “a Verdade”, mas verdades, ou melhor, “opiniões”. Em tais autores, o eu está na busca e, nesse movimento, podemos ver fragmentos do eu em ação. Nesta viagem sem fim parece que se quer tudo ao mesmo tempo e ambos os autores nos levam em todas as direções. De modo que há neles uma valorização da alteridade e do diferente. Ambos querem conciliar com todos os contrários. Ambos representam a vivacidade do pensamento e o incômodo do pensador e do poeta, naquilo que sempre foi o horizonte da filosofia: a liberdade.

Palavras-Chave: subjetividade; Montaigne; Fernando Pessoa.

ABSTRACT

This article seeks to explore the important link between philosophy and literature, from reflections on subjectivity. Although the question may be problematic in Montaigne and Fernando Pessoa's ideas of "being" and "not" are not directly theorized by neither. Plus, the idea of being and non-being are not theorized, because it seems that concepts are impervious to reason, but his quest never ends. In a continuing effort for the truth is not "the truth", but truths, or rather "opinions". In such authors, the self is in the search and in this movement we can see fragments of me in action. In this endless journey seems that either all at the same time and both authors lead us in all directions. So that in them an appreciation of otherness and different. They both want to reconcile with all the contrary. Both represent the vivacity of thought and hassle thinker and poet, in what has always been the horizon of philosophy: freedom.

Keywords: subjectivity; Montaigne; Fernando Pessoa.

¹ Doutor pela UNICAMP. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Departamento de Filosofia. Email: gilmarhenriqueconceicao@hotmail.com. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0377185734454554>



Introdução

Este artigo busca explorar o importante vínculo entre filosofia e literatura, a partir de reflexões sobre a subjetividade. Assim, convido o leitor a fazer comigo o voo da borboleta, porque iremos saltar de flor em flor nos jardins de Montaigne e de Pessoa. Tentando fazer um ramalhete, somente irei fornecer o barbante para juntar algumas flores, como o ensaísta.

Preciso dizer algumas palavras de como cheguei à redação deste texto sobre Montaigne e Fernando Pessoa. Claro, li os dois autores em diferentes momentos. Posteriormente, ao refletir sobre eles tive alguns *flashes* que me fizeram rastrear o percurso de algumas ideias que permitissem algumas aproximações. Começo, inicialmente, dizendo que gosto muito das conexões entre filosofia e literatura. De modo que vejo com bons olhos, a relação entre "filosofia e literatura". Afinal quase tudo pode ser objeto da filosofia. Desse modo, a ideia de entrelaçar a literatura com a reflexão a partir de um filósofo que estudo, veio como um desafio que me estimulou, exatamente pela abertura e pelo prazer que a literatura nos dá e também porque ela é uma intercessora importante para grande parte dos filósofos. É pertinente buscar na obra literária, conto, poesia, etc., um vínculo com os filósofos que estudamos, no sentido de abordar aspectos da subjetividade, modos de vida e costumes. Montaigne, inclusive, se refere ao "império dos costumes". Montaigne é o autor principal que estudo, e Pessoa é o poeta que leio, simplesmente como leitor. Ambos me atraem.

Como se deu minha frequência dos escritos de Pessoa e de Montaigne? De acordo com a ordem cronológica, ocorre que li, primeiro, desde o ensino médio, poemas de Pessoa, antes de estudar Montaigne. Mais tarde, trabalhando com filosofia, em meus estudos sobre os *Ensaísta*, vislumbrei, em alguns aspectos, uma espécie de aproximação entre Pessoa e

Montaigne. Este avizinhamiento entre os escritos distintos de Montaigne e Pessoa pode assim não ser exato, mas, apesar de tudo, ainda são suficientemente próximos para serem estudados. Ao lê-los parecia-me, de um determinado ponto de vista, que eu ouvia eco de um no outro. Claro que numa pesquisa preliminar constatei que alguns estudiosos também buscaram traçar algumas aproximações entre Montaigne e Fernando Pessoa. Estes estudos estão presentes neste texto e deve muito a eles. Como muitos outros leitores, vários dos poemas de Fernando Pessoa reverberam em minha mente. Bem como há trechos dos escritos de Montaigne que me levam em todas as direções. Portanto, surgiu à minha frente o desafio: uma espécie de viagem no universo destes dois autores multifacetados, partidos e complexos. Neste caminho recolho aqui e ali alguns cacos de espelhos – num relance do olhar – de Montaigne e de Fernando Pessoa e é isso que quero partilhar com os leitores.

A esfinge e o enigma: Montaigne e Fernando Pessoa

Montaigne toma para si a dúvida pirrônica ("Que sei eu?") e Pessoa o enigma ("Quem sou é quem me ignoro"). Na realidade, o filósofo e o poeta partem inicialmente a procura do Ser, mas o que encontram é somente o Aparecer. Conforme Pirro, não encontramos o ser, mas o aparecer. A filosofia clássica distingue entre o aparecer e o ser, transpondo metafisicamente a distinção corriqueira entre as aparências enganosas das coisas e sua manifestação ordinária. A filosofia clássica privilegiou o ser como necessário e estável, desqualificando o aparecer porque instável e contingente (PORCHAT, 2007, p. 17). Montaigne e Pessoa tratam daquilo que aparece porque é tudo o que temos.

Ainda que possa ser discutido, a ideia de "ser" e de "não ser" não são diretamente teorizados, nem por Montaigne nem por



Pessoa. E mais: a ideia de ser e de não ser não são teorizadas, porque parece que são conceitos impermeáveis à razão, porém sua busca não cessa nunca. O eu está na busca e nesse movimento podemos ver seus fragmentos em ação. Nesta busca sem fim parece que se quer tudo ao mesmo tempo e eles nos levam em todas as direções. De modo que há neles uma valorização da alteridade e do diferente. Ambos querem conciliar com todos os contrários.

Observemos, nas escritas de ambos, a seguir, duas perspectivas mestras que orientam este artigo. Começemos inicialmente com Montaigne:

“Em mim se encontram todas as contradições, sob algum aspecto e de alguma maneira. Tímido, insolente; [C] casto, luxurioso; [B] tagarela; robusto, delicado; engenhoso, estúpido; triste, bem-humorado; mentiroso, sincero; [C] sábio, ignorante, e liberal, e avaro, e pródigo, [...]” (MONTAIGNE, 2006, II, 1, p. 9).

Em seguida, vejamos em Fernando Pessoa, pela voz de Álvaro de Campos:

Todos os mares, todos os estreitos, todas as baías, todos os golfos,/ Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer! [...]/ Chamam por mim as águas, chamam por mim os mares./ Chamam por mim, levantando uma voz corpórea, os longes, As épocas marítimas todas sentidas no passado, a chamar [...]/ Ah, seja como for, seja por onde for, partir!/ Largar por aí fora, pelas ondas pelo perigo, pelo mar,/ Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,/ Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,/ Levado, como a poeira, pros ventos, pros vendavais!/ Ir, ir, ir, ir de vez!/ Atropelome, rujo, precipito-me! .../, estoiram em espuma as minhas ânsias/ e a minha carne é uma onda dando de encontro a rochedos! (PESSOA, 1986, p. 248).

Consta, inicialmente, que em estudos sobre Montaigne alguns autores

citam Pessoa e que outros também veem ressonâncias de Montaigne na escrita de Pessoa. Portanto, isto pode ser debatido. Não pelo fato de que Pessoa tenha lido Montaigne, mas devido às aproximações que podem ser feitas entre um e outro, na busca pelo conhecimento. Claro, para um exercício como este é preciso ajustar as lentes de nossas perspectivas. *Face to face*, não somos diferentes apenas em relação ao outro, mas também em relação a nós mesmos. Como disse Montaigne, no texto citado, acima, somos todos constituídos de peças e pedaços juntados de maneira casual e diversa, e cada peça funciona independentemente das demais. Daí ser tão grande a diferença de mim para mim quanto de mim para os outros. De modo que, rigorosamente, se Montaigne e Pessoa forem observados de longa distância numa perspectiva desfocada são indistinguíveis, numa perspectiva precisa de curta distância são diferentes demais, porém numa perspectiva ajustada na média parece que podemos estabelecer algumas aproximações entre ambos. Isso é o que buscamos ensaiar aqui.

Para Montaigne o eu é uma pintura de si ("Assim leitor, sou eu mesmo a matéria de meu livro [...]” (MONTAIGNE, 2002, I, p. 4).) e para Pessoa, um enigma (“nunca voltarei porque nunca se volta./O lugar a que se volta é sempre outro”, 1986, p. 352). Montaigne e Pessoa não buscam uma construção fechada. Ambos representam a vivacidade do pensamento e a busca incessante do pensador e do poeta, rumo àquilo que sempre foi o horizonte da filosofia: a liberdade. Ambos declaram o direito de se reconciliarem com todos os contrários. Quando lemos seus escritos observamos que ambos se ensaiam, ambos se metamorfoseiam, ambos questionam a rigidez do eu. Os *Ensaio*s e a *Mensagem* são fluídos, bem diferentes de um discurso filosófico ocluso, bem como do discurso científico.

Theodor Adorno, em seu estudo do ensaio como forma, escreveu que o ensaio



não apenas negligencia a certeza indubitável, como também renuncia ao ideal desta certeza. Torna-se verdadeiro pela marcha de seu pensamento, que o leva para além de si mesmo, e não pela obsessão em buscar seus fundamentos como se fossem tesouros enterrados (ADORNO, 2003, p. 25).

Em razão disso Adorno entende que o ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, a ordem das coisas seria o mesmo que a ordem das ideias. Como a ordem dos conceitos, uma ordem sem lacunas, não equivale ao que existe, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta, sobretudo contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável e o efêmero não seriam dignos da filosofia (ADORNO, 2003, p. 25). Montaigne e Pessoa duvidam disso e tratam do que passa. Não é possível dizer, para sempre, a última palavra sobre o eu.

A redescoberta do ceticismo, por ocasião da Reforma trouxe à baila a discussão acerca do critério para decidir o critério de conhecimento, e isto se estendeu para a filosofia e para a ciência. A filosofia, sobretudo a partir de meados de século XVIII, intensificou sua relação com a ciência e aproximou sua metodologia do rigor e das regras estruturais do discurso e, conseqüentemente, do pensamento científico. O rigor, a precisão e o peso de uma visão unívoca da verdade, pontos fortes do desenvolvimento do pensamento científico, foram recebidos por alguns pensadores como uma maneira de profissionalização da filosofia, como se fosse uma marca de qualidade do pensamento. Nesse sentido, a separação entre arte e ciência exigiu que a filosofia tomasse partido e elege-se sua predileção. Por isso, ao longo da história do pensamento, alguns filósofos parecem assumir a postura rígida da ciência, como Fichte e Comte, e outros a postura da poesia, como Nietzsche e Montaigne.

Montaigne se interessava por

literatura. Pessoa se interessava por filosofia. Além de outros filósofos, ele leu Nietzsche e escreveu na *Floresta do Alheamento*:

A nossa vida não tinha dentro. Éramos fora e outros. Desconhecíamos-nos, como se houvesse aparecido às nossas almas depois de uma viagem através de sonhos.../ Tínhamo-nos esquecido do tempo, e o espaço imenso empequenara-se-nos na atenção. Fora daquelas árvores próximas, daquelas latadas afastadas, daqueles montes últimos no horizonte haveria alguma coisa de real, de merecedor do olhar aberto que se dá às coisas que existem?... (PESSOA, 1986, p. 603).

Pessoa e Montaigne se ensaiam numa sala de espelhos, como disse Starobinski acerca do segundo. Adorno cita como exemplo Montaigne e seus *Essais*, ao elogiar a escolha do título por parte do pensador francês. É importante notar que *essais*, em francês, pode ser traduzido como “tentativa”. A escrita de Montaigne nos dá essa mesma sensação, porque engendra um texto com digressões, relatos próprios da vida particular, como um experimento. Na parte “*Da educação das crianças*”, ele confessa: “Viso aqui apenas a revelar a mim mesmo, que porventura amanhã serei outro, se uma nova aprendizagem mudarmé” (MONTAIGNE, 2002, I, 26, p. 222).

Essa passagem mostra a relação entre a escrita e a reflexão sobre a própria experiência de vida, do esforço de conhecer a si mesmo, de incessantemente rever as próprias posições. Tal característica singular do ensaio, de incluir uma representação do “eu”, de algo próprio do autor, de uma marca na sua experiência vivida, pode ser percebida em Montaigne. Somente ele mesmo é capaz de revelar a si mesmo através de sua escrita. Pensar é escrever, reescrever, repensar. Viver, ler e viajar são importantes para o pensar.

Montaigne é uma espécie de esfinge e Pessoa, um enigma. Como ser muitas



pessoas e ao mesmo tempo ser uno? Com certeza não tenho uma resposta elaborada; tenho alguma intuição e fantasia a respeito disso e tentarei transformá-la numa reflexão. Para começo de conversa, Montaigne sugere que somos constituídos de frações, especialmente quando afirma que cada fração de nós mesmos é menor do que nós mesmos. Quando Montaigne escreve sobre sua vida ressalta o valor da experiência. Ao escrever sobre Fernando Pessoa, o poeta mexicano Octavio Paz declara que os poetas não têm biografia. Sua obra é sua biografia. Afirma ainda, que, no caso de Pessoa, nada em sua vida é surpreendente - nada, exceto seus poemas. Homem de vida pública modesta, Pessoa dedicou-se a inventar. Através da poesia, criou outras vidas, despertando, assim, o interesse por sua vida tão pacata. Tornou-se, portanto, o enigma em pessoa. A última frase de Pessoa foi escrita em inglês no dia de sua morte: *"I know not what tomorrow will bring"* ("Eu não sei o que o amanhã trará"). Como bem sintetizou o seu heterônimo mais atribulado Álvaro de Campos:

Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir./ Sentir tudo de todas as maneiras. [...]/ Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias pessoas./ Quanto mais personalidades eu tiver./ Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver./ Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas./ Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento estiver, sentir, viver, for/ Mais passarei a existência total do universo./ Mais completo serei pelo espaço inteiro fora (Pessoa, 1986, p. 340).

Montaigne e Pessoa falam muito de si, mas se escondem naquilo que revelam, como luzes que nos cegam. Paradoxalmente, parece que algo indizível ainda precisa ser dito sobre eles. É central nestes dois autores, a ideia de movimento e de metamorfose do eu. Com estes dois

autores nunca temos certeza decisiva. Mesmo quando eles se revelam, o segredo de si permanece. Na mitologia grega existia uma esfinge com corpo de leão, cauda de serpente, asas de águia e cabeça de mulher, que era – conforme uma das lendas – filha da Quimera. A esfinge apresentava a quem cruzasse seu caminho uma charada que poderia ser mortal, cuja solução dependia da decifração de cada uma das partes, em que se decompunha: "Que criatura pela manhã tem quatro pés, ao meio-dia tem dois, e à tarde tem três?" Aquele que não respondia corretamente era assassinado pela esfinge.

Édipo resolveu isso na mitologia, mas, no caso dos dois autores estudados aqui, continuam guardando o segredo e permanecem indecifráveis, nas inúmeras tentativas de decifração de seus escritos pelos outros. Montaigne afirma que sofre mil e uma manifestações, por isso não pinta o ser, pinta a passagem. Pessoa escreve que busca ser plural como o universo. Em razão disso nos dois autores há o desdobramento do eu na busca incansável das diferentes possibilidades de ser. De qualquer forma, a busca pelo ser é uma busca que não tem fim. Já se disse inúmeras vezes que o estilo é o homem; "Não são apenas meus gestos que escrevo, sou eu mesmo, é a minha essência" (MONTAIGNE, 1980, II, 6, p. 179).

Em ambos há o retrato do eu: Montaigne chama de "pintura" e Pessoa, chama de "tela". Nas visões de Montaigne e Pessoa há névoas porque enxergam muito longe. Aliás, observemos que essa ideia de "névoa" que recobre o eu se apresenta nas concepções de ambos. De seu lado, afirma Montaigne: "Minhas concepções e meus pensamentos só avançam às apalpadelas, cambaleantes, a escorregar entre tropeços; e por mais longe que vá, não fico satisfeito; vejo terras ainda além, mas turvas e enevoadas e não as posso distinguir" (1980, I, 26, p. 75.), de outro, lado, escreve Pessoa: "Nesta vida em que sou meu sono,/ Não sou meu dono,/ Quem sou é quem me ignoro e



vive através desta névoa que sou eu/Todas as vidas que eu outrora tive, /Numa só vida” (PESSOA, 1986, p. 438).

Na realidade, Montaigne e Pessoa buscam, numa série de fragmentos de espelho, o múltiplo, o diverso e o contrário, sem que se mutilem. Há algo neles que parece permanecer inteiro mesmo na dispersão. Ambos parecem se reconciliar com os opostos e o múltiplo. Como disse Humberto Mariotti (2013), o eu contém o múltiplo (a sociedade, a cultura), que por sua vez o contém. Eis a *unitas multiplex* — a unidade na multiplicidade, a tradução dos laços comunitários que envolvem a cada um de nós. Há em ambos o arrancar infatigável de máscaras. Montaigne escreve que “Sem dúvida nossas ações, em sua maioria, são máscaras e artifício [...]” (MONTAIGNE, 1980, I, 38, p. 114), e que somos agitados por paixões diversas. Desse modo, para além da distância espacial e temporal que os separa, podemos verificar um aspecto fundamental que une os dois autores. Ou seja, o modo singular de escrita: o “autorretrato” sob muitas perspectivas.

De maneira, aparentemente contraditória, mas que, apesar de tudo, tem sentido consiste no fato de que, o ponto de partida inicial é a contestação e a crítica da aparência, mas na falta de poder alcançar o ser, Montaigne reconhece a legitimidade da aparência e se desdobra em muitos como nos mostram seus *Ensaio*s: neles tudo ganha corpo e voz. Em Pessoa e Montaigne a questão do eu é colocada na centralidade de seus escritos. Eles ausentam-se de uma fixação em um só rosto, numa multiplicação de faces, para terem mais a si mesmos. Como escreve Starobinski (1992), a escolha ética salutar fornece uma resposta sem equívoco a uma série de alternativas que, todas, opõem a concentração do eu à sua dispersão. A escolha se apresenta, e a decisão é instantaneamente evidente, entre ser e parecer, entre aqui e alhures, entre mim e os outros, o meu e o estranho, o natural e o artificial, o espontâneo e o

aprendido, o interior e o exterior, o profundo e o superficial. Cada uma dessas antíteses contém ou chama em eco todas as outras. São intercambiáveis e passíveis de serem sobrepostas. A decisão é alcançada por antecipação: essas antíteses não admitem a indecisão nem a hesitação. Todas designam o retorno a si mesmo, a retomada do domínio, a autonomia e a autarcia. Montaigne e Pessoa mantêm-se em estado de alerta, em uma desconfiança perpétua contra o congelamento porque buscam o múltiplo com o intuito de tomarem posse de si mesmo. Contrariamente ao modo aristotélico ou cartesiano, pensar a identidade como constância, estabilidade, conformidade consigo mesmo não pode ser alcançada. Parece que escolhem a identidade interna, a relação constante de si para si. Nenhum ato humano pode pretender a dignidade de modelo fixo e de regra universal. O mundo é diversidade. A figura paradigmática perde a autoridade universal de que fora investida, retorna à existência acidental de que não é mais do que uma das manifestações. A identidade com um dado exemplo nunca é absoluta. Os exemplos são bons e devem ser buscados. Todavia, é preciso arriscar-se a viver sem a proteção oferecida pelo exemplo.

O eu se desdobra. O desdobramento, ao invés de assegurar a repetição do mesmo, abre caminho para a diferença e desencadeia toda a série dos números. Pela brecha aberta, o múltiplo e as mudanças ilimitadas se engolfam e se apoderam do espaço oferecido. Não há repouso, nem parada. Eis que somos impelidos no meio de um ricocheteio de fragmentos que não tem fim. Montaigne parece, num primeiro momento, nos levar em todas as direções - como se explodíssemos - e Pessoa parece, num primeiro momento, nos levar á dispersão. Parece, mas, não é: pelo contrário há em Montaigne um autor indiviso e inteiro e em Pessoa uma forte coerência espiritual temática e estilística.

“Montaigne” quer dizer “monte”,



elevação. “Pessoa” quer dizer “*persona*”, que significa máscara. Vimos que de acordo com Montaigne somos todos mascarados. Em Montaigne não há preocupação com a metafísica, em Pessoa há Álvaro de Campos para quem não há metafísica. Curiosamente estes dois autores escreveram durante cerca de 20 anos. Montaigne escreveu e acrescentou as “camadas” nos Ensaíos, em torno de 20 anos. Pessoa escreveu seus poemas de 1913 a 1934, meditando e escrevendo por mais de duas décadas, desdobrando-se em heterônimos. A obra de ambos constitui, portanto, projeto longamente acalentado na sua alma e que poderia, em razão mesmo desse longo tempo, pecar pela falta de unidade e dispersão. Mas, não é o que ocorre como estamos tentando argumentar. Como afirma Nelly Novaes Coelho:

Difícil dizer, de início, até que ponto o “eu” implícito nessa fala poética seria o do próprio poeta. Ou seria o “eu” do poeta-ser-privilegiado – aquele que dá origem à Poesia e através de cuja voz a humanidade expressa sua evolução em marcha. Ou seria, talvez, o “eu” da própria Poesia com quem o poeta parece confundir-se muitas vezes. De qualquer maneira, a lucidez de Fernando Pessoa, ao perceber a exata dimensão do que começava acontecer em si mesmo e no mundo à sua volta, nos espanta (COELHO, 1986, p. XIII).

O “eu” de ambos os autores se confunde com suas obras. Montaigne escreve que fez sua obra tanto quanto sua obra o fez. Montaigne e Pessoa vivem momentos de destruição e construção. O primeiro na França, o segundo em Portugal. Montaigne escreve no meio da guerra entre o partido protestante e o partido católico. No caso de Pessoa, por exemplo, “*Hora absurda*” (1986, p. 43) foi escrita em 1913, portanto, bem no início do processo renovador. Em ambos, a criação e destruição se processam intrinsecamente ligadas. Registra o poeta: “E a hora é de

escombros e toda ela escombros dela [...]” (Pessoa, 1986, p. 43). Trata-se de fenômenos múltiplos que se cruzam numa dialética interminável. Nelly Novaes Coelho ressalta que Pessoa:

Foi alguém que, no plano criador, viveu dialeticamente todas, ou quase todas, as possibilidades de Ser e de Estar-no-mundo, que os tempos e as diferentes culturas têm oferecido como opção aos homens. Desde a objetividade do olhar e a naturalidade com que os sentidos do homem e o mundo exterior se harmonizavam nos gregos e nos clássicos, até o mergulho nos insondáveis meandros do ocultismo e da metafísica; passando pelo vertiginoso viver destes tempos, impulsionados pela Tecnologia e pela Velocidade da Máquina; ou ainda mergulhando nas águas primordiais do Mito, Fernando Pessoa, com sua invulgar capacidade de despersonalização (a de ser múltiplo sem deixar de ser um), viveu intensamente todas as ganas do conhecimento e das sensações que se lhe ofereciam à inteligência e à experiência sensível (COELHO, 1986, p. XIV).

O poeta escreve sobre a “paisagem” e o filósofo, sobre a “passagem”. Pessoa argumenta que todo estado de alma é uma paisagem, Montaigne afirma que pinta a passagem. Quando Pessoa publicava ou escrevia seus poemas, também registrava em seus manuscritos soltos, reflexões filosóficas e estéticas que indicam a intencionalidade criadora que orientava, no momento, sua produção poética. Montaigne é leitor de Sócrates/Platão, Plutarco, Cícero, Santo Agostinho, Pirro/Timon, e Sexto Empírico. Fernando Pessoa é leitor de textos filosóficos de Kant, Schopenhauer e Nietzsche. Também encontramos nele menções a Heráclito, Parmênides, Zenão, Górgias, Platão, Protágoras, Sócrates, Anaxágoras, Aristóteles, Descartes, Leibniz, Berkeley, Vico e Pascal. Os “escritos filosóficos” de Pessoa abrange mais ou menos 10 anos (1906-1916). Esta preocupação com o conhecimento



filosófico antecede o definitivo encontro de Pessoa com a poesia. Sua multifacetada obra é um dos frutos mais significativos da crise do conhecimento acessível ao eu, que se manifesta na dúvida montaigniana, nos rastros de Kant, no avanço da ciência, e que pode ser traduzido nas questões: como posso conhecer o real? Podemos conhecer o ser em si? Há em Pessoa a tendência para o pensamento reflexivo e a simultânea atração pelos vários gêneros literários. É de se compreender seu profundo interesse pela filosofia, onde é a própria possibilidade do conhecimento o fenômeno investigado. Pessoa é um poeta impulsionado pela filosofia, não um filósofo dotado de faculdades poéticas. São inúmeras as referências de Pessoa a Kant: conhecemos as coisas não como elas são, mas apenas como se nos apresentam. Trazemos em nós o poder de apreender a “verdade numenal”, mas não a “verdade fenomenal”. De qualquer forma, sua poesia adquire um valor limítrofe ao da filosofia. Pensamos ver no pensamento de Kant ecos dos *Ensaio*s de Montaigne, que também fez a crítica da razão. Ora, sabemos que Kant tratou da possibilidade ou impossibilidade de um conhecimento objetivo do universo.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (1986), é principalmente na criação do sensacionismo – atribuído a Álvaro de Campos - que está a realização poética mais próxima das premissas filosóficas de Kant. Aqui há a expressão do mundo contemporâneo, construído pela técnica e pela máquina.

Em Pessoa e Montaigne há a sondagem do quem somos, a partir de uma dúvida visceral. Constatamos em ambos uma ânsia de conhecer até o que não pode ser conhecido. Por isso com o filósofo e com o poeta não há descanso e sim uma busca interminável.

As vozes dos heterônimos de Pessoa diferem nas respostas vislumbradas, mas são iguais no empenho de conhecer. Montaigne já indagara aos diferentes “partidos dos filósofos” e buscara as

perspectivas dos dogmáticos, dos estoicos, dos epicuristas, dos céticos. Nesta busca faz crítica à própria filosofia, em razão do seu caráter insuperável de *diaphonia*. Montaigne reivindica o direito de conciliar com todos os contrários: Todas as contradições neles se deparam. Portanto, esta explosão ou dispersão nos dois autores é apenas aparente, como dissemos inicialmente. Nossa hipótese é de que há uma unidade nos dois autores. Até porque o que define, singulariza e dá valor à obra de um autor, em geral, é a unidade e a coerência. A questão fundamental é: onde está a unidade? É sabido que esta questão tem provocado a maioria dos estudos sobre Pessoa e as respostas divergem. Na realidade, não há resposta unívoca, daí a multiplicação dos “eus”. No âmbito da poesia, esta questão foi defrontada, por exemplo, por Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Withman, etc.

Temos o eu nos *Ensaio*s e não o eu de Montaigne. O ensaísta recebe sua identidade diretamente de seu livro: ele fez os *Ensaio*s, tanto quanto os *Ensaio*s o fizeram, e Pessoa recebe a sua de seus heterônimos. Eles arrancam máscaras como se buscassem a verdadeira face das coisas ou a nudez essencial, numa perseguição sem fim. Conforme Montaigne: “não sou eu que me mascaro, é o real, em mim e fora de mim, que se esquia”. Ora, qual vai ser o desfecho de semelhante busca do ser, que se traduz em contínuos desdobramentos? O eu é revelado em cada aparência, em cada instante de nossa existência, em ininterruptos “*flashes*”. Entretanto, nada nos desculpará de ser desatentos à vida e às aparências que nos propõe. Como disse Starobinski acerca de Montaigne:

O estado nascente, oriundo de uma noite anterior, o estado agonizante, que desemboca nas trevas posteriores, são instantes que encostam no nada. Beneficiam-se do contraste, mas, não tem direito a nenhum privilégio ontológico. A plenitude do ser aí não reside mais –



nem menos – do que o resto de nossa vida. Não há mais verdade última do que verdade primeira. Por mais que nossa vida seja instável, movente, atravessada de aparências ilusórias, é uma longa hora de verdade, a única a nos ser concedida. O estado nascente e o estado agonizante não são residências do ser, receptáculo da essência; são mutações, do mesmo estofa que toda a nossa existência passageira [...] (STAROBINSKI, 1992, p. 81-2).

A posse desses sucessivos instantes não se aproxima de uma plenitude, entrega-se ao vazio. Sentimos nossa duração escoar-se nos seio de um vazio ontológico, a não conhecer senão a passagem e o parecer. Somos levados num fluxo perpétuo. A despeito do vazio que marca o homem e sua condição, a possibilidade de uma plenitude lhe é restituída: basta que nos abandonemos com confiança à percepção fugidia; aí nos é oferecido um completo gozo, o qual conserva seu valor apesar das objeções da metafísica.

Montaigne é o mais importante cético do Renascimento e publicou uma única obra, onde discorre sobre as múltiplas faces do eu. Pessoa foi o principal expoente do modernismo português, tendo publicado em vida apenas um livro, *Mensagem*. Podemos dizer que os heterônimos são diferentes “filosofias” em Pessoa. Ainda no caso de Pessoa, heteronímia é o fenômeno de desdobramento da personalidade, que resulta na invenção de poeta. O próprio Pessoa indica uma explicação estética para a heteronímia: Os heterônimos seriam como personagens inventadas por um autor de teatro. Assim, os poemas assinados com outros nomes seriam como monólogos líricos de um personagem só, mas que se multiplica em outros “contraditórios”, em oposições. Montaigne compara a sociedade a um imenso teatro, onde todos usam máscaras. Como ser, ao mesmo tempo, isto e aquilo? Como buscar a filosofia e ao mesmo tempo criticá-la?

Para Montaigne a filosofia é uma sofisticada poesia. Há em Pessoa a

valorização da filosofia. Mas, isso não é contraditório, por exemplo, com a oposição de Caetano aos filósofos? Na realidade a prática poética de Pessoa consiste em se despir a fim de encarar o mundo em sua clara simplicidade de cada um dos elementos sensíveis. Montaigne diz que se pudesse se apresentaria nu como os tupinambás.

Para tentar repelir a filosofia é necessário fazer filosofia. Alberto Caetano se esforça bastante para significar em sua poesia um estilo de vida sensorial. Mas ele filosofa muito, apesar de dizer o contrário. Para chegar ao ponto de “ver somente vendo”, ao sentimento puro de Caetano, é preciso refletir muito. Os heterônimos, todos eles, são bastante contraditórios. Caetano afirma que quer apenas ver, quando na verdade isto o leva a filosofar.

Questões podem ser ventiladas acerca de Pessoa: os heterônimos de Pessoa falam pouco de amor? Preferem temas abstratos? Aceitamos a ideia de que quando conseguimos aquilo que desejamos ficamos novamente insatisfeitos está no cerne da obra de Pessoa. A afirmação: “a vida ali deve ser feliz, só porque não é a minha” ajuda bem a entender isso. “O poeta é um fingidor” (PESSOA, 1998, p. 98) foi escrito por Pessoa-ele mesmo. Nessa expressão o poeta se mostra como um homem diferente do eu-lírico de sua poesia. De outro modo, podemos encarar que a vida do homem-poeta é que é um fingimento, sendo que apenas enquanto poeta ele se apresenta verdadeiramente. “A dor que deveras sente” diz respeito a um sentimento geral, difícil de precisar. Mas, só quem sente uma dor pode fingir outra que não sente. Como no caso do teatro, só quem tem personalidade pode ser ator e desdobrar-se em outros personagens.

Não obstante a diversidade do eu, Montaigne e Pessoa reivindicam para si a sinceridade. O paradoxo em Montaigne surge como necessidade de expressão das metaforas do eu. Os heterônimos surgem como necessidade de sentir tudo.



Segundo o poeta, sua inclinação, sua necessidade era multiplicar-se como diz pela voz de Álvaro de Campos: “Sentir tudo de todas as maneiras,/Ter todas as opiniões,/Ser sincero contradizendo-se a cada minuto,/ Desagradar A si próprio pela plena liberdade de espírito,/ [...]” (1986, p. 278).

Assinalamos que Montaigne ao investigar o conhecimento só encontra o aparecer que se comunica de múltiplas formas, por isso a todo o momento está mudando, numa França que se esquadreja. No caso de Pessoa, poesia e filosofia tem, em suas raízes, a crise do conhecimento. Aqui temos um dos "nervos" centrais desse organismo poético-filosófico que é a obra de Pessoa: os modos de conhecer. Num certo sentido, Pessoa foi um investigador do conhecimento. Ou melhor, das novas possibilidades ou impossibilidades de um conhecimento objetivo, em um universo em acelerada transformação. Esse é o fulcro filosófico que unifica ou identifica, na origem, seus diversos heterônimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos) ou os semi-heterônimos (Bernardo Soares, Barão de Teive, Vicente Guedes, José Pacheco, Antônio Mora...). Compreende-se que em face de um mundo (seja na França, seja em Portugal) cujos valores, definições, limites e certezas ruíam irremediavelmente, a filosofia e a arte se voltassem para as possibilidades de um novo conhecer. Nesse sentido, duas diretrizes se abrem para as buscas: a que investiga os próprios meios de expressão e a que investiga o "eu" através do qual a filosofia e a arte se realizam.

Montaigne dá estatuto filosófico ao corpo e às paixões, e se dedica a abordar temas comuns, entre eles a vanidade, o medo, a solidão e a tristeza. A propósito, lembremos aqui o poema *Tabacaria*, talvez um dos poemas mais conhecido de Álvaro de Campos. Neste, oscilando entre o mundo interior e a realidade cósmica, universal, o poeta trata, ao mesmo tempo, da angústia com o cotidiano e dos sonhos

de libertação. Isso pode ser observado a partir dos primeiros versos, cujo sentido vai se constituir na base de todo seu poema. O poeta é niilista em relação a si próprio “[...] Não sou nada./ Nunca serei nada./ Não posso querer ser nada[...]”, mas, em compensação, ele sabe que tem “todos os sonhos do mundo” (PESSOA, 1986, p. 296). Montaigne observa a sociedade do alto da torre de seu castelo e reflete sobre a morte em vários ensaios, argumentando que os homens são feitos de vento. Pessoa, (o eu-poético), fechado em seu quarto, solitário, contempla uma rua, onde percebe um mistério, que é a morte e a realidade que ninguém vê. Essa percepção extraordinária das coisas se dá devido capacidade de ambos de ver o que os outros não podem ver e de terem dúvidas tão radicais.

Trazemos, neste artigo, algumas ideias que precisam maturar. De qualquer forma quando buscava referências para essa “intuição” ou “inspiração” de uma possível relação em Montaigne e Pessoa, deparei-me com o artigo de Claudia Fernanda Chigres (2013), que me chamou a atenção pelo fato de que ela inicia afirmando que ao escrever sobre esta possível relação entre os dois “à primeira vista, associar ambos pode parecer tarefa insólita”. Na realidade, Montaigne e Pessoa buscam num abraço o múltiplo, o diverso e o contrário, sem que se mutilem. Como disse Humberto Mariotti (2013), tudo isso se expressa de modo dinâmico: o eu se transforma com a cultura, que por sua vez o modifica, numa relação de congruência. O abraço não é um substantivo e sim um verbo — um verbo no gerúndio: melhor seria que estivéssemos sempre abraçando e nos deixando abraçar. Montaigne foi chamado por Starobinski de “filósofo do movimento”. Fernando Pessoa foi chamado por Nelly Novaes Coelho de “a dialética do ser-em-poesia”.

Pessoa se esconde numa vida pacata. Montaigne almeja uma vida sossegada. O Montaigne dos últimos escritos entende que o dar-se a conhecer implica em se



apresentar com máscaras, no “bom” e no “mau” sentidos. Aconselha prudência numa sociedade corrupta. Diante de inimigos dissimulados, não é desonroso usar máscaras. Até na hora da morte que deve ser a hora da verdade, supõe que é possível recorrer a uma derradeira máscara. Em um período conturbado, não é desvantajoso passar despercebido ou, até mesmo passar por outro. Quanto mais o ensaísta tenta recompor-se, mais matizada e contraditória lhe parece a sua própria natureza, entregue a uma mutação que o arrebatava continuamente e o impede para sempre de encontrar o repouso. Ele não pode coincidir com sua própria fonte, pois um longo desvio o separa de sua origem. Se o ser interior estivesse sujeito apenas ao movimento da natureza, seria - em sua própria diversidade, continuamente natural. Mas um fator de descontinuidade e de heterogeneidade vem deformar tudo. Só tenho o parecer, constata Montaigne, concordando com os céticos. Assim, pergunta Starobinski (1992): “O parecer não insinua seus malefícios entre mim e eu e, pior ainda, não mantém ele sob seu encanto, a uma só vez, o eu-sujeito e o eu-objeto?” No limite, o próprio devir, a passagem são irrepresentáveis. O *topos* do fluxo perpétuo põe em xeque toda realização do topos moral da apropriação de si mesmo. Mas temos a presunção: essa afeição imprudente faz que nos representemos aos nossos próprios olhos diferentes do que somos. Inchamo-nos aos nossos próprios olhos porque somos feito de vento.

A alteridade encontra bastante oportunidade de nascer sem a intervenção dos outros. O ser estável e permanente não se deixa apreender, escapa de toda captura. O homem não se acomoda nem ao reflexo na consciência dos outros nem à ficção que se inventa a todo instante em seu foro íntimo. Transfere-se a alteridade para si mesmo, de maneira que jamais se pode conviver consigo mesmo senão no modo da “relação com outrem”. E é forçoso

reconhecer que a “opinião” (e não a “Verdade”) nos segue em nós mesmos como nossa sombra.

É ao dar forma a uma obra exterior que teremos possibilidade de dar forma a nós mesmos. Os heterônimos fizeram Pessoa como este àqueles. Daí a frase de Montaigne: “fez-me o meu livro, mais do que eu o fiz”. Ou seja, há em Montaigne e em Pessoa uma busca de veracidade que não se cansa na busca que requer por isso o uso de máscaras, nos seus escritos. Mas, é necessário arrancar as máscaras; o ser veraz não se esgota em uma dada máscara. A veracidade é uma necessidade vital para aquele que descobriu que sua imagem não é nada sem referência às consciências estranhas. Mais ainda: quem quer que deseje romper absolutamente com o exterior deveria renunciar a toda imagem, consentir no silêncio e na morte. Só podemos aparecer como máscaras. O homem está ligado apenas a coisas e a seres percíveis, não tem contato com nenhuma causa nem com nenhuma verdade eternas; mas existe uma evidência que se revela a ele no universo sensível e no exercício de sua existência: a verdade é sustentada por sua frágil relação com os outros, esses viventes tão precários quanto ele. Nosso único ser possível joga sua sorte na sociedade de nossos semelhantes, isto é, no mundo do comum parecer. Por isso, a palavra verídica é simultaneamente o cimento da vida pública e o de nossa identidade privada.

A nós, não somos capazes de nos esboçar, os pensamentos se tornam disformes. Logo que intervém a exigência de uma forma, uma testemunha (ainda que imaginária) torna-se nos indispensável. Conhecer-se e ser conhecido são atos solidários. Esconder-se dos outros conduz a um esquivar-se diante de si mesmo. Nada é visto no interior senão para ser repetido no exterior, nada é dito senão para ser melhor visto. Nesse ponto, o parecer, as máscaras e os heterônimos não nos pulverizam nem nos dispersam. O que vale dizer: esses



fragmentos não são mais reflexos fantasmáticos nos olhos dos outros, por onde explode e dispersa nossa verdadeira substância. Ao contrário, em Montaigne e Pessoa, o desdobramento do eu parece dar coesão ao eu. O agente exterior que nos leva em todas as direções, nos ajuda a solidificar nosso ser ao se corporificar em inúmeros retratos. No caso de Montaigne e Pessoa, o obstáculo das máscaras e dos heterônimos presta o serviço de definir nosso existir, delimitando um espaço sujeito à nossa vontade e recusando-nos o acesso a um horizonte em que nossas forças se extenuariam sem objetivo e sem objeto. Pessoa é obrigado a se parecer com os seus heterônimos, e Montaigne é obrigado a se parecer com a pintura que traçou. O ensaísta define a vida do espírito como uma caçada no espaço aberto. Tudo comporta signo; tudo serve para comunicar. Várias possibilidades são exploráveis. Paradoxalmente a beleza está na busca do que ainda não pode ser encontrado, e na persistência nesta mesma busca. No instante da partida, abandonamos a prisão e recuperamos a liberdade original de ser todos os homens: “[...] abraço um polonês como um francês, subordinando essa ligação nacional à universal e comum (MONTAIGNE, 2002, III, 9, p. 281). Todos os homens são considerados por Montaigne como compatriotas.

Se com relação à Montaigne temos a denúncia da máscara, podemos encontrar também o prazer da simulação e da máscara, pois enquanto se torna outro há a felicidade de se redescobrir: abandonar-se e reencontrar-se simultaneamente. Representar um personagem e aí redescobrir-se como outro num outro. Se me torno outros é para melhor dizer de mim. Os dois autores só se tornam livres ao aceitarem não o ter sido sempre, de o ser apenas imperfeitamente ainda. Em ambos o inacessível ser nos decepcionará tão logo possuído momentaneamente nos obriga a voltar para outras ausências e não cessaremos nestes contínuos

desdobramentos do ser. As diferentes máscaras e heterônimos são confissões de uma busca que não pode ter fim. O espaço abre e se esvazia porque o desejo, impõe uma suspensão indefinida: a saciedade não é seu objetivo. Já existe a felicidade em conhecer o desejo como desejo, a busca como busca: há um mundo aberto. A consciência tentada foge de si mesma na direção de todas as coisas. O espírito não conhece os objetos senão na medida em que se descobre distinto deles, recuando em sua diferença essencial para provar das formas e dos sabores estranhos.

Montaigne e Pessoa parecem ter alguns temas em comum: o mistério do mundo. Por exemplo, de Montaigne podemos citar a “*Apologia de Raymond Sebond*” (MONTAIGNE, 2002, II, 12, p. 157), que discute o critério para se decidir o critério de conhecimento, e de Pessoa, *Primeiro Fausto*, que se refere ao mistério do mundo (PESSOA, 1986, p. 621). Temos ainda a questão do conhecimento: em Montaigne *Das vãs sutilezas*, onde o ensaísta se refere à ignorância doutoral que é engendrada pela ciência (MONTAIGNE, 2002, I, 54, p. 465) e em Pessoa, o “*O Horror de conhecer*”, e se refere aos sistemas vãos de vãs filosofias, religiões e seitas (PESSOA, 1986, p. 632). Sobre a questão do prazer e do amor: em Montaigne “*Sobre os versos de Virgílio*” (MONTAIGNE, 2002, III, 5, p. 82) e em Pessoa “*A falência do prazer e do amor*” (PESSOA, 1986, p. 640). Na questão da morte: em Montaigne temos seu ensaio “*Que filosofar é aprender a morrer*” (MONTAIGNE, 2002, I, 20, p. 119) e em Pessoa, “*O temor da morte*”, (PESSOA, 1986, p. 650).

Chigres (2013) em seus *Ensaio do Desassossego: O Auto-Retrato de Montaigne e Bernardo Soares*, argumenta que não se trata de buscar uma genealogia ou influência entre Montaigne e Fernando Pessoa. O interesse da autora, para além da distância espacial e temporal que os separa, consiste em verificar um aspecto



fundamental que une ambas as obras *Ensaio* e *Livro do Desassossego*. Refere-se a um modo singular de escrita – “o autorretrato”. Salienta que se trata de autorretrato, e não de autobiografia.

Afirma que segundo Michel Beaujour (1980), a designação de autobiografia como gênero passou a indicar todo e qualquer tipo de escrita relacionada à memória, seja ela ensaio, meditação, (promenade, antimemória), biografia ou autoabstração. A autobiografia estaria confinada apenas à duração de uma memória individual e a lugares individualizados.

A escrita de uma vida pode aparecer de diversas maneiras, não significando necessariamente que esteja na forma autobiográfica propriamente dita. Tornou-se comum designar todos os relatos pessoais como autobiográficos ou por desconhecimento ou por facilidade. Esse desconhecimento diz respeito, sobretudo, à noção de indivíduo. Somente é possível dizer que um indivíduo escreve sobre seu “eu” se se proceder a um exame da noção de individualidade na época em que o relato foi produzido. Podemos discutir, por exemplo, esta questão em Santo Agostinho, Descartes, Rousseau, Nietzsche.

Em conformidade com esse raciocínio, é importante enfatizar que até fins do século XVI não havia o que se pode chamar de uma literatura da interioridade. É somente a partir do Renascimento que encontramos condições efetivas para o aparecimento da autobiografia, uma vez que este período assiste à secularização do conhecimento, o que possibilitou ao homem realizar sua individualidade na escolha de sua forma de conduta. Cabe ressaltar, contudo, que isto se dará somente com o indivíduo moderno, visto que o relato autobiográfico do homem renascentista ainda não se assemelha plenamente a um autoexame radical, que só se dará com o indivíduo moderno.

Outro erro em relação à caracterização de autobiografia é o fato de associá-la à confissão, tomando por

parâmetro desta as *Confissões* de Agostinho. Onde a busca do eu encontra Deus. Entendida como uma variante confessional da enciclopédia medieval, a confissão tem como marca distintiva básica seu caráter *exemplar*: a escrita deve servir a qualquer coisa e a qualquer um, constituindo-se numa modalidade de ação, de civismo, onde a eficácia se assentaria na possibilidade transitiva de persuadir, censurar ou adular.⁷ Como ressalta Starobinski (1992), devemos dirigir nosso olhar aos indivíduos exemplares para imaginar, em troca, seu olhar dirigido a nós: sob o controle desses seres aos quais nos submetemos como a preceptores ou a pais, estamos destinados à nossa própria verdade, ao ato de reasserção que constitui nossa identidade pessoal, na pura presença para si.

Podemos dizer que a diferença entre a autobiografia e o autorretrato é que a primeira conta uma história passada, finita, e o segundo tenta descrever um homem vivo e em movimento. Um homem que se faz ao mesmo tempo em que se descreve. O ato de se descrever, ao invés de seguir uma ordem pré-definida, prima pela ausência de um relato seguido, assemelhando-se a uma bricolagem temática. Descontínuo, descosido, organizado por sua própria lógica, configura-se não como uma forma exemplar de escrita, mas como um discurso dirigido a ele mesmo, ao escritor enquanto tal. Escrito na primeira pessoa do singular, o autorretrato inscreve a atenção trazida por um “eu” às coisas reencontradas ao longo de seu percurso. Dessa forma, a escrita engendra sua própria memória, no momento mesmo de sua enunciação.

Neira e Lippi (2012) escrevem que os franceses têm um termo para isso, é “*bricoleur*”, que significa uma junção de coisas, informações, referências, imagens e fatos para formar um raciocínio. Desse modo, tal qual um bricoleur, a partir das relações entre o poeta e o filósofo, iniciei a minha bricolagem: colecionando um poema de Pessoa. aqui e ali, bem como trechos de



Montaigne e de importantes estudiosos. Portanto, usamos o verbo *bricoler* com o sentido de ziguezaguear e de fazer de forma provisória. É isso que se trata: o ensaiar e o reescrever continuamente, como tentativas de descrever o eu que se repetem.

No texto “*Ensaio do Desassossego: O Auto-Retrato de Montaigne e Bernardo Soares*” de Chigres (2013) afirma aproximar a imagem do *bricoleur* para seu propósito, assim entende que podemos dizer que Montaigne e Bernardo Soares se apresentam, em sua escrita, como um *bricoleur*, em duas vias que, no entanto, se confundem e se interligam. Pois, ao mesmo tempo em que apresentam um mundo fragmentário e disperso, se inserem nesse mundo de forma não ordenada, ensaiando pensamentos, elucubrações, opiniões e desejos. Assim, se podemos considerar que apresentam, na e pela escrita, uma bricolagem temática, afirma a autora que também que assumem para si a imagem do *bricoleur* de si mesmos, a reordenarem incessantemente sua memória e também sua identidade. Os escritos são consubstanciais aos autores.

Continua a intérprete que esta bricolagem de si mesmos, se por vezes é experimentada por Montaigne como um sossego melancólico, uma resignação tranquila de estar condenado a interminavelmente perscrutar todos os caminhos sem o intuito de concluí-los, tem em Bernardo Soares um tom mais radical: há em sua voz um quê de desistência, na qual o sossego, quando comparece, é vivido como sono, em oposição à eterna insônia de seus sentidos. Além disso, se em Montaigne a maneira utilizado parece ter sido uma forma deliberada de escrita, em Bernardo Soares aparece como uma espécie de impotência: nunca chegar e nunca partir, ter saudades do que não viveu e escrever o absurdo da existência – sinais característicos de uma distância esmagadora. Porém, e malgrado as diferenças, se em determinados momentos se sentem prisioneiros do mundo, o elo a

ser ressaltado como fator de semelhança consiste em que, como *bricoleur* de si mesmos, o movimento de ordenamento e desordenamento dos sentidos lhes confere, contudo, um ato libertador de certezas, que ensaia o desassossego e a suspensão de verdades. Há um termo cético para a suspensão do juízo: *epokhé*. Como entende Montaigne, o princípio pirrônico fundamental é criar antinomias, opondo razões contrárias, para renovar o estado de *epokhé* decorrente dessa impossibilidade de reconhecer a verdade nas filosofias conflitantes.

Considerações finais

Se Montaigne é o filósofo do movimento e das muitas facetas que procura conciliar-se com todos os contrários, Pessoa é o poeta dos heterônimos; o poeta que se desmultiplica na figura de inúmeros heterônimos e semi-heterônimos, dando forma por esta via à amplitude e à complexidade dos seus pensamentos, conhecimentos e percepções da vida e do mundo; ao dar vida às múltiplas vozes que comporta dentro de si. Curiosamente, a palavra *pessoa* comporta em si este simbolismo do desdobramento, do assumir uma personagem, se recordarmos que as máscaras de teatro dos atores clássicos, representativas de uma *personagem*, que surge a palavra *persona*. Os heterônimos podem ser vistos como a expressão de diferentes facetas da personalidade de Pessoa. Mas, para além destes heterônimos, Pessoa desdobrou-se também semi-heterônimos e pseudônimos, personalidades com uma biografia traçada com maior ou menor detalhe, personalidades com vidas literárias mais ou menos intensas, personalidades que acompanharam o poeta durante um tempo muito ou pouco significativo e que, quantas vezes, se desdobram elas mesmas em outras.

Montaigne, de certa forma, é estoico, epicurista, cético, pagão, católico, casto,



libidinoso e aprecia a Antiguidade e os poetas latinos. Conforme o ano em que as publicou, as diferentes camadas dos *Ensaio*s parecem desdizer afirmações das escolas filosóficas uma das outras, mas ele entende que desdiz a palavra, mas não a verdade. Com relação à Pessoa as personalidades mais conhecidas são os heterônimos Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Três personagens diferentes, cada qual com uma atividade literária distinta, personagens que se conhecem e entram em polêmica uns com os outros. Ricardo Reis é marcado por uma profunda simplicidade da concepção da vida, por uma intensa serenidade na aceitação da relatividade de todas as coisas. É o heterônimo que mais se aproxima do seu criador, quer no aspecto físico, quer na maneira de ser e no pensamento. Associa-se ainda ao paganismo de Caeiro, estoicismo e ao epicurismo. Quanto à sua forma de expressão vai buscá-la aos poetas latinos.

Grande parte da produção poética de Ricardo Reis parece ter sido sempre escrita em momentos de súbita inspiração. A essa voz, Pessoa dá o nome de Alberto Caeiro. Segundo Pessoa, a obra de Caeiro representa uma reconstrução integral do paganismo, na sua essência absoluta, tal como nem os gregos nem os romanos que viveram nele e por isso o não pensaram, o puderam fazer. Apresenta-se como o poeta das sensações; a sua poesia sensacionista assenta na substituição do pensamento pela sensação: Sou um guardador de rebanhos./ O rebanho é os meus pensamentos / E os meus pensamentos são todos sensações. Penso com os olhos e com os ouvidos/E com as mãos e os pés/ E com o nariz e a boca” (PESSOA, 1986, p. 146).

Montaigne escreveu que não era filósofo e criticou a pretensão da razão em conhecer o ser e a substância. Entendia que esta pretensão se expressa por meio de tagarelice. O ensaísta buscava a coisa e não a palavra. De acordo com ele, a palavra tem que exprimir a simplicidade e não o rebuscamento. Pessoa, (com Alberto

Caeiro) é também o poeta que repudia as filosofias quando escreve, que [...] *Porque a luz do Sol vale mais que os pensamentos/ De todos os poetas* (PESSOA, 1986, p. 141.). O ensaísta não tem propriamente uma metafísica e Caeiro pergunta: “*Metafísica? Que metafísica tem aquelas árvores?*”. Montaigne escreveu “*Da vanidade das palavras*”, cujo argumento central é de que as palavras podem dizer o que não é: abastardam e corrompem: “[B] Quando ouvis falar em metonímia, metáfora, alegoria e outros nomes semelhantes da gramática, não parecem que estão mencionando alguma forma de linguagem rara e estrangeira? São designações que abrangem a tagarelice de vossa camareira” (MONTAIGNE, 2002, I, 51, p. 456). As perguntas que Pessoa e Montaigne suscitam são infundáveis. De fato, parece impossível manter coerentes as tendências heterogêneas que se disputam em nós. Montaigne sugere, em alguns momentos, que talvez uma vida feliz fosse uma vida sem pensamento. Pessoa (Alberto Caeiro) diz que há metafísica bastante em não pensar em nada (PESSOA, 1986, p. 140). Conforme Azar Filho (2012, p. 559), nos *Ensaio*s, o método constitui um estilo de vida: e a linguagem o meio pelo qual a implicação entre mundos externos e internos, (o eu e a realidade) busca tornar-se evidente, permitindo a percepção de seu permanente remodelar recíproco.

O mais importante neste artigo foi tentar encontrar um fio a seguir, ou a puxar, para transitar por este labirinto que são os escritos de Montaigne e de Pessoa que tanto nos encantam e desafiam.

Temos em Pessoa e em Montaigne a aceitação do paradoxo, pela coexistência dos contrários, pela reconciliação da identidade e da alteridade.

Referências



ADORNO, T. O ensaio como forma. **In:** Adorno, W. T., **Notas de Literatura I**. Editora 34, 2003.p. 25.

AUGUSTO, A. B. **In: Mensagem**. São Paulo: Núcleo, 1995.

AZAR FILHO, C. M. Método e estilo, subjetividade e conhecimento nos Ensaios de Montaigne. **kriterion**, Belo Horizonte, nº 126, Dez./2012.

BEAUJOUR, M. **Mirroir D'Encre**. Paris: Edition du Seuil, 1980, Introdução.

CHIGRES, C. F. **Ensaio do Desassossego**: O Auto-Retrato de Montaigne e Bernardo Soares. Disponível em: <www.geocities.ws/ail_br/ensaiosdodesassossego.html>. Acesso: 22/11/2013.

COELHO, N. N.. **Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística**. São Paulo: Quíron, 1986.

COELHO, N. N.. Fernando Pessoa, a dialética de Ser-em-poesia. **In: Obra poética**. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1986.

MARIOTTI, H. **Os cinco saberes do pensamento complexo**: pontos de encontro entre as obras de Edgar Morin, Fernando Pessoa e outros escritores. Disponível em: <www.geocities.com/pluriversu>. Acesso 17.11. 2013.

MONTAIGNE. **Ensaio**. São Paulo: Abril, 1980

MONTAIGNE. **Os Ensaio**. (Paidéia).São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NEIRA, M. G e LIPPI, B. G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Revista Educação e Realidade**, vol.37 no.2 Porto Alegre: May/Aug. 2012.

PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986 (série portuguesa).

PORCHAT, O. **Sobre o que aparece**. Sképsis, ano I, n. 1, 2007, p. 17.

STAROBINSKI, J. **Montaigne em movimento**. São Paulo: Cia da Letras, 1992.